



SOBRE CORPOS E MICROPOLÍTICAS: ARTE CONTEMPORÂNEA PARA CRIANÇAS

ABOUT BODIES AND MICROPOLITICS: CONTEMPORARY ART FOR CHILDREN

Julia Rocha¹

Any Karoliny Wutke Souza²

Isabela Vieira Martins³

RESUMO

Tendo como foco principal a reflexão sobre a corporeidade e as micropolíticas, o presente artigo analisa o espaço que a produção de arte contemporânea estabelece dentro do ensino contemporâneo da arte. Essa reflexão deriva de uma experiência de oficina voltada para crianças e intitulada “Quem tem medo de arte contemporânea?”. A oficina se construiu na proposição de práticas efêmeras em torno de temáticas definidas com base nos livros da coletânea “Temas da arte contemporânea” de Katia Canton (2009). Para esta reflexão, delimitou-se a análise em torno de duas temáticas, nomeadamente “Corpo, identidade e erotismo” e “Da política as micropolíticas”. A análise do processo baliza-se em autores que discutem sobre a produção artística contemporânea, como Archer (2001), Canton (2009), Cocchiarale (2006) e Rocha (2018).

PALAVRAS-CHAVE

Arte contemporânea; Ensino da Arte; Oficina; Pesquisa; Extensão.

ABSTRACT

Having as main focus the reflection on the corporeity and the micropolitics, the present article analyzes the space that the production of contemporary art establishes within the contemporary teaching of the art. This reflection stems from a workshop experience for children and entitled "Who is afraid of contemporary art?". The workshop was built on the proposition of ephemeral practices around themes defined based on the books of the collection "Themes of contemporary art" by Katia Canton (2009). For this reflection, the analysis was delimited around two themes, namely "Body, identity and eroticism" and "From politics to micropolitics". The analysis of the process is based on authors who discuss contemporary artistic production, such as Archer (2001), Canton (2009), Cocchiarale (2006) and Rocha (2018).

KEYWORDS

¹ Julia Rocha é Doutora em Educação Artística pela Universidade do Porto, Mestre em Artes e Educação pela Universidade Estadual Paulista e Licenciada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente é professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Realiza pesquisa sobre o ensino da arte na contemporaneidade, mediação cultural, relações entre museus e escolas, avaliação de propostas educativas no campo das artes visuais e formação de professores. Contato: pjuliarocha@gmail.com.

² Any Karoliny Wutke Souza é estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Desenvolve pesquisa sobre a relação entre as tecnologias e o ensino da arte, interessando-se pela relação da juventude com as imagens dentro da contemporaneidade. Faz parte do Grupo de estudos Laboratório Educação, Contemporaneidade e Arte. Contato: karolwutkes@gmail.com.

³ Isabela Vieira Martins é estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Bolsista de Iniciação Científica do Edital PIBIC 2019-2020, no Projeto de Pesquisa Arte+educação: Analogias entre objeto e campo de estudo na contemporaneidade, desenvolvendo o subprojeto Arte contemporânea no contexto escolar - Aproximações com arte/educadores do Ensino Fundamental. Faz parte do Grupo de estudos Laboratório Educação, Contemporaneidade e Arte. Contato: belasartemartins@gmail.com.



Contemporary art; Teaching of Art; Workshop; Research; Extension.

QUEM TEM MEDO DA ARTE CONTEMPORÂNEA?

A pergunta de partida deste texto poderia soar pretenciosa ao colocar a prática artística contemporânea como algo do que deve se temer, porém diante da resistência na entrada destas questões como conteúdo do ensino da arte e do aparente distanciamento da produção de arte contemporânea do universo das crianças, pretende-se dissertar a respeito de possíveis aproximações entre estes dois vértices. As incertezas e o constante reinventar que envolvem a produção de arte contemporânea parecem distanciar este recorte da história da arte do âmbito escolar e do universo infantil.

A perda de parâmetros fechados do que se conhece como arte ou, minimamente, a ressignificação do que compete ao campo da arte, apresenta ao espectador dificuldades de reconhecer o que se determina como obra e, ainda mais complexo, de desenvolver leituras a respeito do que se vê ou vivencia. Michael Archer (2001) deflagra este campo de incerteza, dizendo:

Quem examinar com atenção a arte dos dias atuais será confrontado com uma desconcertante profusão de estilos, formas, práticas e programas. De início, parece que, quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo que, afinal, permite que as obras sejam qualificadas como “arte”, pelo menos de um ponto de vista tradicional (ARCHER, 2001, p. 9).

Na indefinição do campo da produção artística contemporânea e na sua constante reelaboração, o ensino da arte tem sido ressignificado, buscando uma contemporização também de suas práticas. Neste sentido, intenciona-se desenvolver uma perspectiva contemporânea de arte/educação, que não somente repense as escolhas em relação aos conteúdos, mas que reconstrua também os processos metodológicos envolvidos nos processos práticos produzidos em espaços escolares e não escolares. Julia Rocha (2018) coloca:

Neste contexto vê-se a necessidade de espelhamentos na forma como professores e artistas trabalham especificamente com seus públicos, ou seja, estudantes e espectadores. A abertura às possibilidades de mudança frente ao mundo contemporâneo perpassa pela primordialidade de repensar os modelos educacionais que são utilizados pelos



arte/educadores, seja na escolha dos referenciais imagéticos que são adotados em suas aulas, seja na perspectiva metodológica que utilizam com seus estudantes (ROCHA, 2018, p. 2211-12).

Com o objetivo de contemplar questões pertinentes aos artistas contemporâneos, a oficina “Quem tem medo da arte contemporânea?” foi promovida pelo Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo - NAVEES, entre os dias 3 e 7 de dezembro de 2018. Realizada como resultado das discussões elaboradas no âmbito do Grupo de estudos “Laboratório Educação, Contemporaneidade e Arte”, a oficina constituiu-se como integração do projeto de pesquisa “Arte+educação: Analogias entre objeto e campo de estudo na contemporaneidade”, com o projeto de extensão “Interfaces do ensino da arte”, ambos coordenados pela professora da Universidade Federal do Espírito Santo, Julia Rocha.

Os propositores da oficina foram estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais participantes do grupo de estudos. Como resultado das discussões elaboradas durante o semestre, Any Karoliny Wutke Souza, Derek Oliveira de Almeida, Heitor Andrade Amorim, Helena Pereira Barboza, Isabela Vieira Martins e Maik Douglas Cabral Machado desenvolveram a oficina, orientados pela professora supramencionada. Participaram da ação 9 crianças, com idade compreendida entre 6 e 12 anos. Sua inscrição foi voluntária, realizada por meio do NAVEES. As crianças faziam parte da comunidade extra-acadêmica da Universidade.

A oficina foi pensada como uma proposta de aproximação ao campo da arte contemporânea, utilizando como título uma obra homônima de Fernando Cochiarralle (2006) e desenvolvendo em cada um dos encontros temáticas propostas por Kátia Canton em sua coleção “Temas da arte contemporânea” (2009). O projeto foi realizado com cinco encontros que desdobravam questões latentes da produção artística contemporânea, passando por “narrativas enviesadas”, “corpo e identidade”, “espaço e lugar”, “das políticas às micropolíticas” e “tempo e memória”. Na presente reflexão será realizado um recorte de dois encontros desenvolvidos, dissertando sobre as relações estabelecidas entre arte e educação com a corporeidade, as políticas e as micropolíticas.

Como premissa e ponto de partida, os encontros foram programados com ações efêmeras que perpassavam os temas sugeridos por Canton (2009). A escolha pelas ações efêmeras



dialogava diretamente com a produção de artistas inscritos na contemporaneidade, que - diferente das práticas artístico-educativas realizadas na arte/educação modernista - se aproxima mais das ações e experiências do que dos produtos. Pensando a partir da corporificação do artista nas obras de arte contemporânea Archer (2001, p. 108) afirma que “Uma vez que a ênfase na arte começara a se deslocar do produto final para o processo de sua feitura, um reconhecimento da presença corporal do artista como fator crucial desse processo tornou-se quase inevitável”, o que foi espelhado para a prática dos oficineiros nesta experiência. Desta forma, em cada um dos encontros foram propostas ações que não resultavam em um produto final, mas valorizavam uma vivência aproximada com os trabalhos dos artistas selecionados para os encontros.

CORPO E IDENTIDADE

O encontro sobre corpo e identidade teve por objetivo refletir a corporalidade, a partir da necessidade de experienciar e se envolver nos trabalhos artísticos e da autorreflexão sobre a subjetividade de cada um. À vista disso, fomentou-se o diálogo que permitiu a horizontalidade de relações e de interação com os participantes nas proposições e na mediação das questões.

Artistas contemporâneos utilizam o corpo como meio para produzir arte em suas diversas sensibilidades assumindo papéis concomitantes de sujeito e objeto expandindo, conseqüentemente, sua capacidade atributiva de significados. Canton (2009) cita alguns artistas e suas maneiras de fazer arte utilizando o corpo, tal como, usar o próprio cabelo como pincel que nem a artista Hannah Wilke, ou o corpo como moldura que nem Yves Klein, ou ainda, para incitar debates sobre sexualidade, dor, vida e cultura como Marina Abramovic.

Para a oficina foi evidenciada a disposição do corpo do indivíduo que participa e interage com uma obra de arte, denominado espectador-participador. Portanto a oficina tratou da experiência do indivíduo por meio da ação e das decisões tomadas por ele, afirmando que a existência da obra depende da execução do mesmo. Para o entendimento do assunto, foi escolhida como objeto a produção da artista Yoko Ono e seu trabalho de instruções (1960). No livro, Grapefruit: A book of instructions and drawings by Yoko Ono, a artista criou peças-



instruções que têm formatos de texto em tom imperativo e propõem a interatividade do e com o público. Yoko Ono fez parte do grupo de artistas que promoveram o Fluxus (1960-1970), ações que contestavam a arte como instituição, misturavam arte e cotidiano e valorizavam criações coletivas de artistas, músicos e escritores.

Os objetivos das ações do Fluxus residiam nas demonstrações de que o corpo é agente construtor de significados e de conhecimentos sensíveis, de acordo com Cristina Freire (2006). Essa seria a origem para trabalhos que estariam sujeitos às intervenções dos públicos, assim como a livre interpretação e decisão por parte do espectador que nem sempre é absolutamente prevista pelo artista. Para as intervenções do Fluxus foram disseminadas que as manifestações artísticas contemporâneas estavam vinculadas às questões contextuais, tais como o momento histórico e as ideias com que os artistas se relacionaram e vivenciaram nos lugares por onde passaram. Ou seja, as influências para produzir um trabalho artístico deviam ser buscadas no cerne das experiências e ações cotidianas, como: andar, descansar, ler, ver, comer, dormir etc.

As instruções da Yoko Ono consistem em um processo artístico de descoberta de experiências e ações corriqueiras ou propostas de ações utópicas que só podem acontecer no plano de ideias e convida-nos a um estado meditativo, como em “Peça Harmônica (Fazer música somente com os harmônicos. Primavera de 1964)” e “Peça de coleção (Colecione na mente os sons que escutou casualmente durante a semana. Repita-os mentalmente em diferente ordem numa tarde. Outono de 1963)”. Há também peças que são executáveis no plano físico, como em “Peça de corte (Membros do público podem vir ao palco – um de cada vez – para cortar um pequeno pedaço de roupa da performer para levar consigo. 1964)”.

Freire (2006) analisa que muitas das atuações do Fluxus partem das ações triviais e que no grupo foram denominadas como instruções, sinalizações ou outros dispositivos de orientação que constituem formas de interação. Freire (2006) comenta sobre essas peças-instruções da Yoko Ono:

Esses textos são um tipo de documentação na Arte Conceitual e podem ser lidos de diversas maneiras: como partituras musicais, artes visuais, textos poéticos, instruções para performances ou proposições para algum



tipo de ação. Ocupam na maior parte das vezes, este lugar intermediário entre a ideia e a sua realização (FREIRE, 2006, p. 19).

Desta maneira, com o propósito de explorar as produções da arte contemporânea, a oficina pretendeu apresentar as “instruções” da artista Yoko Ono e desempenhar o mesmo convite-atividade com as crianças. Tal como na obra da artista, durante a oficina salientou-se que o que importava mais do que a execução era a experiência do espectador/participador. Para valorizar esta noção de experimentação do corpo a sala estava organizada de maneira diferente dos demais dias da oficina, com uma fileira de cadeiras e outra de carteiras. Por cima das cadeiras dispomos dezesseis caixas embaladas com papel craft e identificadas com números (Figura 1).

No primeiro momento foi apresentada a artista Yoko Ono, falando sobre este trabalho específico com instruções que colocariam seus corpos em movimento. Depois, o encontro foi realizado de maneira dinâmica e lúdica com as crianças. Uma de cada vez tirava de um saco um pequeno papel indicando uma instrução, o comando que deveria ser seguido e, algumas vezes, o número da caixa que a criança teria que se dirigir para realizar o tal comando. No total dispomos trinta e quatro instruções e dezesseis caixas, ou seja, nem toda instrução demandava que fosse necessário abrir uma caixa. Assim como as peças-instruções da Yoko Ono, algumas instruções atingiam a materialidade e outras eram apenas ações reflexivas, utópicas, que aconteciam mentalmente.



Figura 1 - Oficina “Quem tem medo da arte contemporânea?”. Fonte: NAVEES.

Para abrir a caixa era necessário rasgar o papel kraft e teria que ser requerido pela instrução. Após abrir a caixa, a criança tinha que realizar o comando inscrito no papel e nele também estaria informando se era uma ou mais pessoas que participariam do processo. Como em:



“Peça água – Todos participam. Pegue a caixa nº 11. Bebam esta quantidade de água e descrevam o seu sabor” (Figura 2). Essa instrução incluía tanto o recurso da materialidade, pois bebiam de um recipiente, como o recurso da reflexão, pois precisariam usar a imaginação. As crianças se perguntavam: “como descrever o gosto da água?”. E logo viram que era recorrendo à negativa, o que a água não é, como por exemplo, “a água não é doce nem salgada”, “não está quente nem gelada” e “tem gosto de nenhum sabor”. Elas responderam também utilizando sentenças de cunho imaginativo e quimérico, como: “tem gosto de incolor”.



Figura 2 - Oficina “Quem tem medo da arte contemporânea?”. Fonte: NAVEES.

Cada uma das instruções foram sorteadas, lidas e executadas, gerando um maior interesse das crianças pela abertura das caixas, pelo caráter de surpresa que elas tinham. A questão da imaterialidade não foi um problema, visto que desde o início houve a orientação de que a processualidade era a premissa-base da oficina. Após a realização de todas as instruções foi solicitado às crianças que fizessem novas instruções e foi sugerido que incluíssem tanto a questão da materialidade como da imaterialidade. Por conseguinte, elas exploraram as instruções uns com os outros.

Por fim a oficina propôs apresentar para esse público infantil uma manifestação artística contemporânea e refletir como a corporalidade e a identidade são usadas nas produções e intervenções artísticas contemporâneas e sobre o significado que essas admitem. Ressaltou também as manifestações de como o corpo pode servir de instrumento e de como a identidade está ligada às experiências vivenciadas no cotidiano. A partir dessa percepção, a oficina viabilizou práticas educativas que podem ser propositivas, sem imposição ou definição de modelos. Além disso, o encontro sobre corpo e identidade potencializou o cruzamento



entre arte e vida, bem como a articulação coletiva de múltiplos saberes que resultam na construção expansiva de preceitos à respeito de produções da arte contemporânea.

DAS POLÍTICA ÀS MICROPOLÍTICA

O tema política e micropolítica surgiu também da coleção de Canton (2009) e busca referências externas ao livro, tais como: Cildo Meireles, Lygia Pape, Paulo Bruscky e Flávio de Carvalho, artistas estes que se posicionaram politicamente através de suas obras. Inserimos também obras mais atuais como “Pets” de Eduardo Srur, que pensa a poluição e a quantidade de plástico consumida e explora isso através de uma escala de macroscópica de garrafas pets em expõe em locais que são pontos de poluição. E a performance “Lavadeiras” dos estudantes da UFES, que se banharam de lama e saíram da universidade em direção à empresa Vale do Rio Doce em manifestação que colocava em pauta a relação do poder entre o público e o privado e do valor capital que é atribuído às questões ambientais.

O encontro de política e micropolíticas ocorreu no quarto dia de oficina e já havia um entendimento por parte das crianças que cada dia da semana seria sobre um tema diferente e que a disposição da sala também seria distinta. Dessa forma, elas criaram uma relação de expectativa com o lugar que sempre apontava para o tema que seria proposto naquele dia, tentavam adivinhar qual seria o assunto abordado. O tema do dia anterior a essa oficina foi “Espaço e lugar”, onde foi explicado que espaço era qualquer lugar físico, que por muitas vezes passamos, porém não criamos nenhuma relação e o lugar era aquele que conseguimos acessar seus detalhes na memória, por ter tido uma conexão com ele, como casa de avó, restaurante favorito ou o parque que brincava.

Dessa forma, as crianças já haviam se habituado com a sala desconfigurada e ao chegarem e notarem uma sala de aula cartesiana olharam com desconfiança. Nas carteiras encontrava-se os nomes dos participantes da oficina, apontando o lugar de cada um conforme critérios desconhecidos de uma pessoa com maior autoridade. No quadro estava projetado a imagem de uma sala de aula bem parecida, chamando atenção para esse lugar que estavam ocupando.



Figura 3 - Oficina “Quem tem medo da arte contemporânea?”. Fonte: NAVEES.

Por meio dessa ideia associamos espaço e lugar a política e micropolítica através do mapa de sala, onde a carteira que estavam ocupando era o espaço físico e o nome na carteira já fazia com que eles criassem uma relação com aquele lugar, seja boa ou ruim. Desse modo, nós ocupamos vários espaços sociais no dia a dia, seja no condomínio ou na escola e criamos uma relação com esses espaços, ocupando além do espaço físico, esse lugar que é subjetivo. É nesse campo moral que surge o nosso papel como cidadão e que a política é envolvida.

Buscamos refletir sobre o conjunto de referências e qual seria a melhor ordem de apresentação dos artistas. Começamos apresentando as obras mais ligadas a política governamental e depois aos atos políticos do dia a dia, a micropolítica. Procuramos não dizer qual era o tema da oficina nesse primeiro momento expositivo. Ouvimos os comentários dos participantes e buscamos instigá-los a pensarem sobre as imagens que estavam vendo. Nas obras que tinham uma ligação mais direta com a política governamental os comentários eram mais afirmativos, já nas obras como “New look” de Flávio de Carvalho e “Desvio para o vermelho” de Cildo Meireles os comentários eram num tom de dúvida. Eles aceitavam que os conteúdos apresentados eram arte por estar em uma oficina de arte, mas queriam saber o por quê.

Ponderamos quais exemplos de micropolítica seriam apresentados para que fossem exemplos que dialogassem com suas vivências e fossem mais acessíveis para o entendimento das crianças. Discutimos então as políticas da escola, a hierarquia e o papel de cada um dentro da instituição, o intuito das regras e o por quê elas só são válidas dentro da escola. Durante a oficina notamos como as crianças se comportaram diante a sala cartesiana. Observamos em alguns momentos um dos participantes pegar seu celular e mexer nele por



baixo da carteira, para a pessoa que estivesse ocupando o lugar do professor não o avistasse. Mesmo sabendo que não estavam em suas respectivas escolas e que ali não havia as mesmas regras preestabelecidas por suas instituições ainda se comportavam como se estivessem ocupando o lugar do aluno.

Após a discussão da escola como um lugar de micropolítica em que estavam inseridos foi organizado um debate sobre o uso do celular nas salas de aula, os participantes foram divididos em dois grupos, os que eram a favor e os que eram contra a utilização do aparelho. Havia crianças que eram contra no grupo dos que eram a favor e assim respectivamente, porém ainda assim pensaram em argumentos para defender algo que não acreditavam necessariamente, se colocando no lugar da coletividade.



Figura 4 - Oficina "Quem tem medo da arte contemporânea?". Fonte: NAVEES.

Posteriormente, partimos do pensamento coletivo ao individual e foi sugerido que pensassem individualmente em que mudanças reivindicaram em suas vidas, depois de cada um produzir seu cartaz com suas reivindicações partimos em protesto até a reitoria, lugar de maior superioridade hierárquica na universidade. Conversamos sobre a experiência do protesto coletivo com questões pessoais e foi apontado por eles a visibilidade que nos foi dada no percurso até a reitoria e como isso os afetou. A maioria relatou ficar inibido por estar em um número pequeno de pessoas e os gritos de cada um reivindicando suas próprias questões abafaram o grito coletivo.



Figura 5 - Oficina “Quem tem medo da arte contemporânea?”. Fonte: NAVEES.

Por último, voltamos à sala de aula recriando a experiência do divisor, de Lygia Pape, onde tivemos que encontrar o lugar mais confortável para cada um conforme sua altura. Achar um ritmo único nos nossos passos foi importante para que não houvesse nenhuma queda. Ao chegar na sala conversamos sobre essa experiência e todas as outras que a sucederam. Comentaram sobre a dificuldade inicial de achar um ritmo nos passos, mas que após encontrar esse ritmo tornou a experiência bem mais fluída, também falaram sobre o lugar que cada um ocupou e como foi importante algumas pessoas trocarem de lugar para que todos conseguissem se locomover bem e com estabilidade.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO

Ao final da prática da oficina “Quem tem medo da arte contemporânea?” percebeu-se que as crianças identificaram-se com aspectos relevantes da prática dos artistas, conseguindo ressignificar conceitos que traziam antes de chegar aos encontros. O distanciamento das linguagens comumente utilizadas nas escolas, como o desenho e a pintura foi visto com resistência no início, mas no decorrer dos encontros as crianças tiveram contatos com obras de artistas contemporâneos que estavam mais conectadas com a noção de experiência e conceitualidade do que ao produto final.

As concepções de artes visuais das crianças foram ampliadas pela aquisição de um repertório de artistas que foram apresentados em cada um dos dias. No caso específico dos encontros sobre corpo, identidade, políticas e micropolíticas houve uma identificação grande com questões próximas do cotidiano das crianças, valorizando a relação entre arte e vida. Neste



sentido, considera-se que a oficina conseguiu cumprir seus objetivos iniciais, desenvolvendo a relação com suas vivências e com o que conheciam previamente sobre artes visuais.

Ao final, refletindo sobre a experiência realizada, consideramos que oficinas como esta, que reverberem a prática artística contemporânea, são importantes para aproximar os dois campos, da arte e da educação, convergindo discursos que até então parecem desconectados ou distantes. A relação dos públicos com a arte contemporânea - assim como ocorreu com as crianças participantes da oficina - tem um potencial de discussão de questões que dialogam diretamente com seus repertórios, seja pela conexão, seja pelo enfrentamento.

Referências

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CANTON, Kátia. **Corpo, identidade e erotismo** - Coleção Temas da Arte contemporânea. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CANTON, Kátia. **Da política às micropolíticas** - Coleção Temas da Arte contemporânea. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

COCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006.

FREIRE, Cristina. **Arte conceitual**. Rio de Janeiro: Zahar. Ed., 2006.

ONO, Yoko. **Grapefruit**: instructions and drawings by Yoko Ono. s/d.

ROCHA, Julia. Ensino (contemporâneo) da arte contemporânea - Semelhanças e enfrentamentos entre metodologia e conteúdo. In: **Anais do 27º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas**: Práticas e contratações; 24 a 28 de setembro de 2018; São Paulo. São Paulo: ANPAP, 2018.